

EDUCAÇÃO INFANTIL: FORMAÇÃO DE LEITORES ATRAVÉS DA LEITURA DE HISTÓRIAS

Andressa De Jesus Xavier Fanticheli¹

Dalila Polato Mantegazine²

Grazielli Bruna Altoé³

Maria Aparecida Santos Rocha⁴

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da leitura de histórias nas escolas de Educação Infantil como estímulo à formação de futuros leitores. A pesquisa teve como objetivo investigar como a prática intencional de leitura de histórias na Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança, despertando o hábito e o gosto pela leitura antes mesmo da criança saber decodificar as palavras escritas. Buscou-se ainda compreender como o professor pode contribuir para esse processo e quais os cuidados e recursos mais indicados para despertar o futuro leitor. Por meio de pesquisas bibliográficas verificou-se que ainda hoje o ato de ler histórias nas escolas de Educação Infantil é visto por muitos educadores apenas como uma forma de distrair e acalmar a criança, sem a preocupação com sua real importância e benefícios. Em contrapartida, após leituras e análises, observou-se que quando a leitura de histórias infantis é feita de forma dinâmica e criativa, a criança pode desenvolver o gosto pelos livros e pela leitura, cultivando-o ao longo da vida. Além disso, a leitura de histórias é um importante recurso para o desenvolvimento da imaginação e do processo de ensino aprendizagem da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Leitura. Histórias. Criança. Leitor.

ABSTRACT

This paper discusses the importance of reading stories in Elementary Schools as an incentive to form future readers. This research aimed to investigate how the intentional practice of reading stories in elementary school can contribute to the child development, arousing the habit and the taste of reading even before the child knows how to decode written words. It has also sought to understand how the teacher can contribute to this process and which care and resources are best suited to awaken the future reader. Through bibliographical research it was found that still today the act of reading stories in early childhood education is seen by many educators only as a way to distract and calm the child, without worrying about its real importance and benefit. In contrast, after reading and analysis it was observed that when the reading of children's stories is done dynamically and creatively, the child may develop a taste for books and reading, cultivating it throughout his/her life. In addition, the storytelling is an important resource for the development of imagination of the child and his/her learning process.

KEYWORDS: Professor. Reading. Stories. Child. Reader

¹Graduada em Pedagogia pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus - Multivix

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus - Multivix

³ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus - Multivix

⁴ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus – Multivix.

1 INTRODUÇÃO

Estimular o gosto e o prazer pela leitura, incentivando a formação do hábito de ler é hoje um grande desafio encontrado pelas escolas (CARVALHO, 2007). Estima-se que a leitura de histórias infantis pode proporcionar à criança um grande estímulo para a sua imaginação e para o seu aprendizado. Porém, infelizmente fazer com que as mesmas gostem de ler não é uma tarefa tão simples assim, pois geralmente os próprios pais não têm essa cultura, “tendo em vista que muitos alunos ao ingressarem na escola tiveram pouco ou nenhum contato com livros literários” (ALVES; ESPÍNDOLA; MASSUIA, 2011, p. 106), ficando o estímulo a leitura a cargo da escola.

Optou-se por escolher a Educação Infantil, pois avalia-se que a criança que tiver experiências positivas e adequadas a sua faixa etária com livros infantis já nos primeiros anos de escolarização terá grandes possibilidades de ser um bom leitor no futuro, uma vez que é através dos “livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária” (COLOMAR, 2007, p. 52).

Ressalta-se que ao se buscar ampliar os conhecimentos e a compreensão a respeito da importância da leitura de histórias na Educação Infantil para a formação de leitores, tornou-se necessário lançar mão de diferentes fontes secundárias de pesquisa, uma vez que as leituras apontam teorias capazes de articular um conjunto de ideias que auxiliam na melhor compreensão do que se deseja explorar e aprender.

Observa-se também que a leitura intencional de histórias infantis, sobretudo na Educação Infantil, é ainda um grande desafio, visto que a maioria dos educadores ainda não têm consciência da sua importância para a formação de futuros leitores, sendo vistas apenas como um motivo de descontração e passatempo, não agregando às histórias o seu devido valor (SANTOS; SIMÃO, 1990).

Nesse sentido, pergunta-se: Qual a relação entre a leitura de histórias infantis e a formação de leitores?

Essa pesquisa consiste em analisar a importância da leitura de histórias infantis no âmbito da Educação Infantil, no intuito de compreender como essa prática contribui para a formação de futuros leitores, conforme bibliografias sobre o assunto.

Durante os períodos de estágios supervisionados, constatou-se que o trabalho com leituras de histórias infantis na Educação Infantil ainda precisa ser estimulado, refletido e aperfeiçoado, pois entende-se que um “bom leitor não se faz por acaso. Muitos são formados na infância [...] em escolas que proporcionam experiências positivas no início da alfabetização” (CARVALHO, 2007, p. 11). Considera-se portanto, que essa é a questão que incentivou a presente pesquisa e análise. Assim, partir de leituras diversas, questiona-se: Como o professor da Educação Infantil pode contribuir para despertar na criança o gosto pela leitura de histórias infantis?

Este trabalho vem objetivar ainda o estudo de estratégias e técnicas adequadas a formação de futuros leitores no âmbito da Educação Infantil, de modo que contribua para a sua formação enquanto futuro leitor, pois de acordo com as bibliografias consultadas, é durante a leitura de narrativas infantis feita pelo professor de forma intencional que a criança desenvolve seus sentimentos e desperta o gosto pela leitura, uma vez que “ouvir um texto já é uma forma de leitura” (BRASIL, 1998c, p.141).

Nessa perspectiva, buscou-se trilhar um caminho apropriado através de pesquisas bibliográficas, a partir de fontes secundárias, de maneira que esta embasasse a argumentação a partir de estudos e pesquisas de autores sobre o tema ou afins. A respeito deste tipo de pesquisa, Marconi e Lakatos (2007, p. 185) trazem que “a pesquisa bibliográfica, ou de fonte secundária, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito”.

A escolha pela pesquisa bibliográfica, explica-se assim por esse método estar de acordo com o tema escolhido e por compreender que esse tipo de pesquisa evidencia dados, apontamentos e discussões de autores que, em sua literatura abordam temas similares. A partir das leituras realizadas, objetiva-se analisar e conceitualizar, de maneira crítica, as informações que se concretizam em torno da temática abordada.

Importa esclarecer ainda que a escolha da literatura privilegiou obras atuais como os Referenciais Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (1998), visto a sua importância como norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil. Destaca-se ainda que há casos em que obras mais antigas foram referenciadas, haja vista a sua importância em relação ao tema e sua influência sobre alguns autores contemporâneos. Deste modo, a partir da leitura de autores como Santos e Simão (1990), Villardi (1999), Carvalho (2007), Colomer (2007), Maia (2007), Silva, Costa e Mello (2011), buscou-se adquirir embasamentos teóricos que pudessem subsidiar o tema desenvolvido, pois a pesquisa bibliográfica não deve ser apenas uma simples cópia do que já foi escrito sobre o tema por outros autores mas, a análise, a interpretação, o confronto de informações dos autores, e a elaboração de novas conclusões (FERRÃO, 2003, p. 102).

A escolha por esse tipo de pesquisa, seguindo uma linha qualitativa, se deu pela aproximação com o tema. Tem-se então, um estudo compartilhado que desenrola-se na análise da importância da leitura de histórias infantis na Educação Infantil, bem como possíveis práticas pedagógicas adequadas à formação de futuros leitores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O PROFESSOR FORMADOR DE FUTUROS LEITORES

Muitos professores ainda consideram a leitura de histórias infantis na Educação Infantil uma atividade isolada, que não obedece a uma continuidade de planejamento, nem apresenta objetivos claramente definidos (VILLARDI, 1999), tornando a formação de leitores um desafio para as escolas.

Todavia, avalia-se que “inventar, ler e contar histórias são tarefas importantes nas creches e pré-escolas” (SILVA; COSTA; MELLO, 2011, p. 95), dado que nessa fase, a criança “realiza imitações das ações que observa, utilizando modelos que estão próximos a ela. Observa atentamente os gestos e as ações das pessoas e depois os reproduz” (SANTOS, 2001, p. 93). Por isso, ter o professor como um bom modelo de leitor é fundamental para a criança, uma vez que o educador poderá ser aquele que fará a criança se apaixonar pela leitura e pelas histórias infantis antes mesmo dela saber decodificar as palavras escritas, ou ao contrário, poderá ser o responsável em não despertar o futuro leitor. Desse modo, é necessário que o professor da Educação Infantil tenha essa consciência da sua responsabilidade, pois o mesmo será o alicerce da vida estudantil da criança.

Villardardi (2001, p. 22) explica ainda que na Educação Infantil, a leitura chega à criança através da voz do professor que: [...] ao ler o texto, imprime nele a sua marca, ou seja, demonstra pela entonação, pelas pausas e pelo gestos, o valor que atribui a certas passagens em detrimento de outras, o juízo que faz acerca dessa ou daquela atitude da personagem, e, muitas vezes, interpõem comentários no meio da leitura. Nesse caso, o texto chega à criança por meio de uma lente, que é o professor.

Isso significa que a atitude do professor na hora da leitura das histórias é fundamental para despertar ou não a curiosidade da criança pela história ouvida, pois “a fonte do interesse da criança pelo livro pode estar no professor que se revela apaixonado pela leitura” (MAIA, 2007, p. 37). Ao ler uma história, o educador passa através de sua voz e do seu entusiasmo todo o encantamento que ele próprio tem pela literatura. Caberá, portanto, ao professor, disponibilizar todas as estratégias possíveis para fazer da leitura um momento divertido e prazeroso e por isso, precisa ter definido os objetivos específicos das atividades

que envolvam a aproximação da criança com o livro, bem como tratar o momento da leitura das histórias infantis como prioritário, sendo devidamente planejado e fundamentado (VILLARDI, 2001).

Também é válido acrescentar que através de um trabalho intencional de leitura de histórias infantis, o professor poderá ensinar a criança conteúdos pertinentes a idade como cores, tamanhos, proporções, sequência numérica, letras do alfabeto, entre outras, já que: [...] a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu (BRASIL, 1998c, p.143).

Assim, de forma lúdica através de histórias e personagens imaginários, o professor poderá passar para a criança conteúdos, valores, aspectos culturais e sociais, trabalhando temas essenciais à sociedade, maneiras de conceber o mundo e temas atemporais, além de estimular a fantasia, a oralidade e o senso crítico, construindo conhecimento significativo e abrindo as portas para o universo da imaginação.

O papel do professor, antes de qualquer coisa, é conquistar a criança, permitindo um contato mais prazeroso com o livro, com a literatura e com a leitura, por isso, adotar práticas adequadas de leitura e tornar o livro parte integrante do dia a dia das escolas de Educação Infantil são os primeiros passos para iniciar na criança o processo de formação de futuro leitor (KAERCHER; CRAIDY, 2001).

Ou seja, o educador de Educação Infantil “precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê” (LAJOLO apud MAIA, 2007, p. 37). Cabe ao professor contribuir para o despertar o leitor e através da sua prática “mostrar as infinitas possibilidades que o mundo da leitura oferece em termos de informação, cultura e entretenimento” (CARVALHO, 2007, p. 22).

2.2 A LEITURA DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A Educação Infantil representa uma fase muito importante para a vida da criança, pois, agora ela “vai participar de um novo meio social: a escola, que é bem diferente daquele que conhecia e no qual viveu até então, (sua família)” (SANTOS; SIMÃO, 1990, p. 10). Nesse sentido, avalia-se que: O ingresso na instituição de Educação Infantil pode alargar o universo inicial das crianças, em vista da possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes (BRASIL, 1998b, p.13).

O convívio familiar não será mais o seu único meio de aprendizagem e socialização. A Educação Infantil possibilitará à criança conviver com um novo grupo social, experimentando novas experiências e emoções, explorando novas habilidades e desenvolvendo novos comportamentos. Avalia-se portanto, que esse seja também o momento propício para estímulos à formação de futuros leitores, pois de acordo com Vygotsky, a aprendizagem constitui-se na interação da criança com o meio social e cultural em que convive (VYGOTSKY apud MAIA, 2007).

Nessa perspectiva, salienta-se que há outras teorias sobre o desenvolvimento da criança defendida por diferentes autores. Entretanto, interessa-se a esta pesquisa a abordagem Sociointeracionista de Vygotsky (1896-1934), a qual destaca a importância do papel do contexto histórico e cultural nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança, escolhida por estar de acordo com a temática abordada neste artigo, uma vez que se tem por objetivo compreender a relevância da prática intencional da leitura de histórias infantis na Educação Infantil como estímulo à formação de futuros leitores.

Nessa perspectiva, Vygotsky, expressa que: [...]a aprendizagem cria zona de desenvolvimento proximal, ou seja, ela ativa processos de desenvolvimento que se tornam funcionais na medida em que a criança interage com pessoas em seu ambiente, internalizando valores, significados, regras, enfim, o conhecimento disponível em seu contexto social (VYGOTSKY apud PALANGANA, 2001, p. 130).

Ou seja, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal definida por Vygotsky, é “a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza com a ajuda de alguém mais experiente (desenvolvimento potencial)” (MAIA, 2007, p. 81). Portanto, a zona de desenvolvimento proximal é criada exatamente pelo aprendizado e acontece “na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer” (REGO apud MAIA, 2007, p. 82). Logo, de acordo com essa teoria, o desenvolvimento cognitivo da criança é influenciado pela interação social e à medida que interage com outras pessoas, vai adquirindo os valores, conhecimentos, regras e hábitos disponibilizados no meio social e cultural em que convive, num processo de experimentação e de mediação.

Ressalta-se que a aprendizagem está presente desde o início da vida da criança, pois, a “criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura”.

Esta fase compreende dos 0 aos 5 anos de idade, concordando com a Lei no 9.394/96, que estabelece as Bases da Educação Nacional, alterada pela Lei nº 12.796/13, em seu Art. 30º, define que: “A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2013/lei/l12796.htm>.

Acesso em: 13 jun. 2015.

Assim, a criança chega à Educação Infantil com algumas considerações já definidas, entretanto estas “podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural” (BRASIL, 1998a, p. 24) do novo grupo.

De acordo com esta teoria, mesmo que a criança não tenha sido estimulada pela família a desenvolver o gosto pela leitura antes de iniciar a escolarização, poderá vivenciá-la na Educação Infantil, podendo chegar a tornar-se um bom leitor no

futuro. Caberá à escola contribuir para essa aprendizagem e para o seu desenvolvimento, proporcionando experiências positivas com os livros infantis desde a creche e pré-escola, posto que “no processo de interação com o livro de literatura, mesmo ainda não decifrando o código escrito, a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência” (MAIA, 2007, p. 73-74).

Outro ponto observado por Vygotsky foi que a criança da Educação infantil, na tentativa de aprender algo novo, faz uso da imitação que é entendida como a: Capacidade de a criança observar e aprender com os outros e de seu desejo de se identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se. [...] As crianças tendem a observar, de início, as ações mais simples e mais próximas à sua compreensão, especialmente aquelas apresentadas por gestos ou cenas atrativas ou por pessoas de seu círculo afetivo. A observação é uma das capacidades humanas que auxiliam as crianças a construir um processo de diferenciação dos outros e conseqüentemente sua identidade (BRASIL, 1998b, p.21).

Quer dizer, “a imitação, longe de ser uma atividade de pura repetição mecânica, é a reconstrução de atos observados pela criança; portanto, “[...] a imitação possibilita a realização de ações que, em tese, estão além de seus limites” (MAIA, 2007, p. 84-85). Desta forma “[...] na tarefa de imitar atos de leitura, a criança não está simplesmente copiando modelos [...]. Se devidamente estimulada, “o faz de conta que está lendo” torna-se uma atividade em que os avanços qualitativos da criança se fazem refletir” (MAIA, 2007, p. 85). Assim, os momentos comuns passados em volta de um livro são positivos em todos os sentidos, pois é onde a criança começa a criar e cultivar o interesse pelos livros.

3 PRÁTICAS DE LEITURA FAVORÁVEIS À FORMAÇÃO DE FUTUROS LEITORES

Para que as histórias infantis ganhem um novo valor didático, o professor deverá adotar algumas estratégias e técnicas adequadas à formação de futuros leitores, de modo que ouvir histórias seja algo prazeroso para a criança e que contribua

para a sua formação enquanto futuro leitor. Nessa perspectiva, salienta-se que são muitas as maneiras de levar a criança a envolver-se com o mundo da leitura. Todavia, esta pesquisa limitará a sugerir algumas práticas, selecionadas por estarem de acordo com a temática abordada neste artigo e por sobressaírem como práticas favoráveis à formação de futuros leitores no âmbito da Educação Infantil.

Partindo desse pressuposto, sugere-se que uma das práticas mais simples e preciosas que o professor da creche e da pré-escola poderá fazer é reservar todos os dias um tempo da aula para ler em voz alta para a turma, utilizando-se da entonação correta de voz, criando suspense, imitando as vozes dos personagens, fazendo as pausas exigidas e adaptando algumas passagens do texto quando necessário (CARVALHO, 2004), observado que na Educação Infantil as histórias chegam à criança pela voz do professor, por isso que elas sempre:

10

[...] devem ser narradas porque, quando lidas, podem tornar-se enfadonhas, cansando as crianças. Sendo narradas, poderão ser simplificadas ou acrescidas, dependendo da reação da classe. Quando o professor não possui grande habilidade para narrar, poderá ler a história, dando ênfase e entonação adequadas (SANTOS; SIMÃO, 1990, p. 112).

Nesse aspecto, ressalta-se que para tornar esse momento significativo, o professor deverá preparar-se para a narração da história com antecedência, fazendo uma leitura anterior mais detida, caso contrário poderá ler algumas passagens com a entonação inadequada, chegando por vezes a desmotivar a criança em continuar a ouvir à história (VILLARDI, 1999).

O cuidado e a atenção que o professor deverá ter quanto à escolha da leitura a ser realizada também é um ponto relevante no processo de formação de futuros leitores, uma vez que deverá obedecer às diferentes fases de desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança, advertindo-se para a qualidade do texto escolhido; a linguagem usada na obra; o tema da história; as ilustrações e, principalmente, os objetivos a serem alcançados com determinada história,

(VILLARDI, 1999). Em suma, o educador precisa buscar conhecer sua clientela para saber o que gostam de ouvir, percebendo assim se a história escolhida é propícia para a finalidade desejada e se agradará ou não a turma.

Uma mesma história “pode ser contada e recontada inúmeras vezes” (SANTOS; SIMÃO, 1990, p. 112), em razão de que “quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez” (BRASIL, 1998c, p.144).

Outro ponto fundamental no processo de formação de futuros leitores refere-se à atenção e à preparação do ambiente onde a história será contada, cabendo ao professor buscar criar “um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida” (BRASIL, 1998c, p. 143). Esse ambiente poderá ser a própria sala de aula, a biblioteca, a sala ou o cantinho da leitura, o pátio da escola ou “no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc.” (BRASIL, 1998c, p. 135), podendo o professor disponibilizar também “almofadas espalhadas pelo chão, ou esteiras, criando um ambiente acolhedor e de respeito às preferências de cada um” (VILLARDI, 1999, p. 98), advertindo-se que algumas crianças prestam mais atenção nas histórias quando elas estão sentadas no chão, outras já preferem deitar-se em posição mais relaxada.

Considerando-se crianças de até cinco anos de idade, recomenda-se ainda associar: [...]o objeto “livro” à ideia de “brinquedo”. Se a criança brinca, ela também é capaz de descobrir o lado lúdico do livro, encantando-se com as surpresas que lhe estão reservadas a cada virar de página. Sendo assim, [...] quanto mais cedo for capaz de ver no livro um grande brinquedo, mas fortes serão, no futuro, seus vínculos com a leitura (VILLARDI, 1999, p.81).

Ou seja, orienta-se que os livros deverão estar sempre ao alcance das crianças “dispostos, na estante, em prateleiras ao alcance das mãos” (VILLARDI, 1999, p. 96), ou em caixas, dividindo espaço com os outros brinquedos. Quanto ao

educador, este deve evitar certas recomendações como “cuidado para não rasgar”, “não pode colocar no chão”, “não pode sujar”, uma vez que essas atitudes ao invés de propiciarem uma relação de prazer entre a criança e o livro, tornarão esses momentos de tensão, fazendo com que o aluno se sinta intimidado diante do material de leitura (MAIA, 2007). Nesse caso, recomenda-se, se possível, a adoção de livros confeccionados em materiais diversos como tecido, plástico e papelão.

Sugere-se ainda que é muito importante “criar situações em que a criança possa se manifestar livremente sobre o que foi lido: questionar, criticar e atribuir valores, qualificando as situações e os personagens apresentados” (VILLARDI, 1999, p. 86-87), Desse modo, o professor deve “deter-se algumas vezes para fazer apreciação sobre passagens interessantes, expressões diferentes” (SANTOS; SIMÃO, 1990, p.112), dando espaço para a criança se manifestar e se expressar, desenvolvendo também seu senso crítico, assimilando suas experiências pessoais com a história ouvida e desenvolvendo sua oralidade.

Nesse momento, aconselha-se ao professor utilizar a estratégia de reconto de história, em razão dessa tática poder ser “[...] desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida” (BRASIL, 1998c, p.144). Assim, após escutarem a história narrada e observarem as imagens e a escrita do texto, poderão recontar a história oralmente, utilizando algumas palavras ouvidas pela voz do professor, desenvolvendo a linguagem e ampliando seu vocabulário.

Outra técnica adequada a esse momento infantil refere-se à leitura de histórias em rodas de conversa, uma vez que essa prática: [...] é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências (BRASIL, 1998c, p.138).

Entende-se que a roda de conversa configura-se como uma estratégia de grande aproveitamento para o professor, visto que pode tornar a aula mais agradável e criativa, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Esse momento também é propício para o educador ficar mais próximo dos alunos, conhecendo e observando melhor sua turma, já que “o principal objetivo da roda é a troca de impressões, ideias e reflexões entre os participantes” (CARVALHO, 2004, p. 23).

Além dessas táticas já citadas, destaca-se também os equipamentos multimídia como filmes, vídeos, DVDs, CDs, Data Shows, entre outros. Esses equipamentos podem ser utilizados pelo professor de Educação Infantil como recursos auxiliares para fazer a história chegar à criança de forma interessante, dinâmica e atrativa (VILLARDI, 1999).

Os jogos que envolvam temáticas das histórias infantis como quebra-cabeças, dominós, bingos, jogos da memória, entre outros, são recursos valiosos para despertar a atenção da criança, uma vez que após brincar com esses jogos, o educando “[...] possa buscar no livro a que as ilustrações se referem. Nesse momento, a presença do professor deve tornar-se um estímulo à curiosidade, a fim de que a brincadeira cumpra seu papel” (VILLARDI, 1999, p. 101), levando a criança associar a leitura das histórias infantis a momentos de brincadeira e diversão.

As histórias infantis contadas em forma de teatro também são estratégias pertinentes a formação de futuros leitores, bem como para a aprendizagem e para o desenvolvimento da criança, posto que “a dramatização é uma forma de aprendizagem que favorece o ajustamento emocional do educando e a evolução de sua personalidade” (SANTOS; SIMÃO, 1990, p.113), pois através da dramatização, a criança em um processo de identificação de emoções, apropria-se das narrativas, tornando-as sua própria história, podendo expressar suas ideias e opiniões, bem como desenvolver sua imaginação e criatividade (ALVES; ESPÍNDOLA; MASSUIA, 2011), tendo oportunidade de “ampliar seu vocabulário, expressar suas dúvidas, os seus sentimentos e chegando a permitir a

manifestação de algumas emoções, como raiva, medo e alegria” (SILVA; COSTA; MELLO, 2011, p. 96).

Evidencia-se ainda que: [...] práticas de leitura para as crianças têm um grande valor em si mesmas, não sendo sempre necessárias atividades subsequentes, como o desenho dos personagens, a resposta de perguntas sobre a leitura, dramatização das histórias etc. Tais atividades só devem se realizar quando fizerem sentido e como parte de um projeto mais amplo (BRASIL, 1998c, p.141).

Isto porque a criança precisa associar o momento de ouvir histórias a algo prazeroso e não apenas às atividades a serem realizadas posteriormente, pois esses momentos são propícios para “aproximar a criança do livro” (VILLARDI, 1999, p. 17). Contudo, isso não deve ser usado como desculpa para o professor ler sem um objetivo específico, observando que muitos educadores da Educação Infantil ainda consideram a leitura de histórias infantis uma atividade isolada sem objetivos definidos, “caso contrário, pode-se oferecer para a criança uma ideia distorcida do que é ler” (BRASIL, 1998c, p.141). Ressalta-se que “o mais importante na hora da história é fazer da atividade um momento de prazer, divertimento” (CARVALHO, 2004, p. 23), mas obedecendo a uma continuidade de planejamento e apresentando objetivos claros e definidos.

Desse modo, enfatiza-se que são muitas as maneiras de levar o aluno a despertar-se para o mundo da leitura, pois “mesmo ainda não decifrando o código escrito, a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência” (MAIA, 2007, p.78). Ao professor de Educação Infantil, caberá buscar variar na escolha de como contar as histórias para a criança, podendo criar e adaptá-las de muitas maneiras diferentes (SILVA; COSTA; MELLO, 2011, p. 96), proporcionando experiências positivas e significativas de leitura, contribuindo para a formação da criança enquanto futuro leitor.

4 CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa realizada, foi possível perceber que existe hoje uma grande preocupação das escolas quanto à formação de bons leitores, visto que muitas crianças não têm o hábito de ler e na maioria das vezes, leem como se a leitura fosse um ato mecânico, considerando-a uma atividade difícil e inútil. Essa tarefa torna-se ainda mais difícil quando é levado em consideração que muitos professores da Educação Infantil ainda não têm consciência da sua importância para a formação de novos leitores, considerando a leitura de histórias infantis apenas uma atividade isolada, sem objetivos claramente definidos, adotadas apenas como uma forma de distrair e acalmar a criança.

Entretanto, a pesquisa evidenciou que o ideal seria que o estímulo correto à leitura se iniciasse já na Educação Infantil, antes mesmo da criança se apropriar da leitura e da escrita, proporcionando-lhe experiências positivas e significativas com os livros e com a leitura das histórias infantis, despertando nelas o gosto pela leitura e incentivando o hábito de ler dos futuros leitores. Percebeu-se assim que, a leitura de histórias na Educação Infantil é uma importante ferramenta para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, além de auxiliar no desenvolvimento da imaginação e no processo de ensino aprendizagem.

Todavia, para que as histórias infantis ganhem um novo valor didático, faz-se necessário que o educador de Educação Infantil tenha consciência da sua responsabilidade enquanto modelo leitor, buscando sempre motivar a criança com estratégias e práticas adequadas e propícias à idade das mesmas, de modo que ouvir histórias seja algo prazeroso para a criança.

Portanto, em uma sociedade letrada, onde o bom desempenho na leitura é cada vez mais exigido, um trabalho diversificado e criativo com a leitura tem sido imprescindível nas escolas. Conclui-se que criança não precisa saber ler para ter contato com a leitura, ela precisa ser motivada e incentivada desde o início da escolarização com experiências positivas e significativas, proporcionadas pelo educador que, por sua vez, deve buscar, através de práticas adequadas, mostrar a criança as infinitas possibilidades que a leitura pode oferecer em termos de conhecimento e entretenimento contribuindo assim para o despertar do futuro leitor.

Diante da conclusão aqui exposta, recomenda-se a leitura e a atualização dessa temática por entender que muitas práticas relacionadas à leitura de histórias infantis utilizadas nas escolas de Educação Infantil necessitam mudar. Nesse sentido, os educadores devem buscar trabalhar metodologias que objetivam despertar no aluno a curiosidade, o encanto e o prazer pela leitura, visto que o professor, enquanto mediador e modelo de leitor, precisa incentivar e mostrar à criança a importância da leitura para a compressão do mundo que a rodeia, a fim de alargar seus horizontes e ampliar seus conhecimentos, uma vez que a leitura é essencial no desenvolvimento pessoal e social da criança. Portanto, somente tendo-se consciência da sua responsabilidade enquanto formadores de leitores, os educadores, e futuros educadores, poderão ser cada vez melhores em suas práticas, utilizando a leitura de histórias na Educação Infantil a fim de formar cidadãos leitores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aletéia Eleutério. ESPÍNDOLA, Ana Lucia. MASSUIA, Caroline Sanchez. In: SOUZA, Renata Junqueira de. FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org). Leitura literária na escola: reflexões propostas na perspectivas do letramento. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2011, p. 97-121.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 2v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA, Congresso Nacional. Lei Nº 12.796, de 4 de Abril de 2013. Brasília: e Casa Civil, 4 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2013/Lei/L12796.htm>. Acesso em: 13 de jun. de 2015

CARVALHO, Marlene. Guia prático do alfabetizador. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

FERRÃO, Romário Gava. Metodologia científica para iniciantes em pesquisa. Linhares, ES: Unilineares/Incaper, 2003.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E por falar em literatura... In: CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis E. Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 81-88.

LAJOTO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAIA, Joseane. Literatura na formação de leitores e professores. São Paulo: Paulinas, 2007.

PALANGANA, Isilda Campaner. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001.

SANTOS, Gláurea Basso dos. SIMÃO, Sueli Parada. Processo de alfabetização: subsídios para um trabalho eficiente. 6 ed. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Promovendo o desenvolvimento do faz-de-conta na Educação Infantil. In: CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (org.). Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p.89-100.

SILVA, Lésia M. COSTA, Edna ap. a. da. MELLO, Ana Maria. Os contos que as caixas contam. In: FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. MELLO, Ana Maria. VITORIA, Telma. Adriano, GOSSUEN. Ana Cecília CHAGURI. Os fazeres na Educação Infantil. 12 ed. Ribeirão Preto – SP: Cortez, 2011, p. 95-96.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.